

in NICO, B., PACHECO, D., SILVA, J., MAURICIO, P. & NICO, L. (2008). "O currículo positivo em Educação de Adultos: o caso da Escola Comunitária de São Miguel de Machede". in Bravo Nico *et al* (Orgs). *Aprender no Alentejo – IV Encontro Regional de Educação*. Évora: Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora.

O CURRÍCULO POSITIVO EM EDUCAÇÃO DE ADULTOS: O CASO DA ESCOLA COMUNITÁRIA DE SÃO MIGUEL DE MACHEDE

Bravo Nico¹, Dora Pacheco², Joana Silva², Patrícia Maurício² & Lurdes Nico³

Introdução

A principal infra-estrutura básica de qualquer comunidade é, na época contemporânea, a educação e formação das pessoas que a constituem. Hoje, mais do que nunca, a competitividade de cada sociedade e de cada pessoa assenta nas respectivas capacidades de aprender. Aprender a aprender, aprender a mudar, aprender a adaptar-se, aprender a desaprender e a voltar a aprender são, no mundo contemporâneo, competências essenciais e determinantes da nossa capacidade de adaptação e de sobrevivência, enquanto membros de sociedades altamente complexas e, cada vez mais, competitivas.

Assim sendo, a criação de ambientes estimuladores da aprendizagem, numa perspectiva de contínua e sustentável formação dos indivíduos, começa a assumir-se como um dos principais vectores da maior parte das decisões políticas que determinam as estratégias de desenvolvimento local e regional. Aprender a aprender a viver numa sociedade global, preservando e compatibilizando as circunstâncias conviviais positivas dos contextos locais e comunitários, parece começar a ser, na nossa opinião, uma das principais competências individuais e colectivas das sociedades contemporâneas e uma das principais preocupações de todos os que têm responsabilidades ao nível da decisão política e económica de qualquer nível.

A Educação Comunitária tenta assumir, neste contexto, uma das possíveis respostas que algumas comunidades locais têm procurado encontrar face aos desafios resultantes do desenvolvimento de características globalizantes mas, paradoxalmente, assimétrico, em termos geográficos, económicos, sociais e culturais. Aprender a viver num mundo global, não prescindindo dos benefícios da modernidade mas não abdicando do conforto proporcionado pelos pequenos contextos comunitários, fortemente enraizados nas circunstâncias físicas e humanas onde se localizam, parece-nos ser um desafio e, concomitantemente, a principal finalidade da Educação Comunitária.

¹ Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora.

² Escola Comunitária de São Miguel de Machede.

³ Direcção Regional de Educação do Alentejo.

As palavras vértice

Promover o desenvolvimento de uma determinada comunidade significa sempre que se possui uma representação daquilo que será o futuro. A diferença que separa a realidade presente dessa imagem futura corresponde ao projecto de desenvolvimento que se pretende concretizar. Nesse processo de construção da representação que todos fazemos do nosso futuro e da imagem prospectiva que construímos de nós próprios, têm papel determinante determinadas palavras, cujo peso específico é tal que se assumem como autênticos pilares, nos quais assentam as representações futuras da realidade. São estas palavras – autênticas *palavras vértices* de realidade – os alicerces dos projectos que se traçam e dos sonhos que se sonham.

Se pudéssemos representar a circunstância presente de cada pequena comunidade a um polígono geométrico, as *palavras vértices* assumir-se-iam como os *faróis* do futuro desenho dessa realidade comunitária. Assim sendo, estas palavras suscitam um determinado grau de desafio, preferencialmente situado na *zona de desenvolvimento proximal* de cada comunidade – adaptando o conceito de Vygotsky (2001) –, induzindo determinados mecanismos de desenvolvimento local (nos indivíduos, nas respectivas famílias e na própria comunidade) e determinando, por isso mesmo, os contornos dos respectivos projectos de futuro.

É nesta dinâmica local e colectiva que cada indivíduo encontra o seu espaço de desenvolvimento e constrói as suas oportunidades de aprendizagem, entendidas como mecanismos pessoais de desenvolvimento humano.

Identidade

Sermos o que somos é um desafio fundamental. É decisivo que as geometrias específicas de cada ambiente comunitário de aprendizagem se ancorem na memória do **que** foi, **quem** foi e **como** foi cada comunidade. Muito do que é, e daquilo que será, cada comunidade, resultará, certamente, da acção daqueles que dela fizeram parte no passado. É importante que se consiga transportar o testemunho de uma memória local disponibilizando-o aqueles que se sucederem nesse mesmo local, independentemente das respectivas origens. É fundamental assumir-se, humildemente, a perspectiva de que a geração actual é apenas uma das muitas gerações que usufruíram da possibilidade de viver num determinado contexto territorial, histórico e cultural. A actual geração deve estar disponível para assegurar que a transmissão da herança comunitária, construída ao longo de muitas e muitas gerações, não fique interrompida nos actuais *inquilinos* de um determinado espaço e tempo comunitários.

2. A História do Curso

2.1. A leitura e a escrita

A ideia da criação de um espaço propenso às aprendizagens de leitura e escrita surgiu da **evidência do analfabetismo** existente na vila, aquando da distribuição do jornal “Diário do Sul” pela população, porta a porta.

Em 1997, surge o primeiro Curso de Alfabetização de Adultos e, para tal, vários foram os aspectos tidos em conta. O “**voltar à escola**”, nomeadamente no que respeita ao espaço onde as aulas iriam ser desenvolvidas, foi uma questão de extrema importância visto que, para muitos,

o facto de estarem num espaço semelhante ao da escola tradicional era sinónimo de desconforto, pois eram indivíduos que não tiveram essa oportunidade enquanto crianças, o que os levava a não se sentirem tão integrados e motivados como seria desejado dada a “memória negativa” que os levava a tal desconforto. Desta forma, o primeiro espaço adoptado foram as instalações da cantina da escola da vila e, mais tarde, a sede da SUÃO – Associação para o Desenvolvimento Comunitário.

Tal como o espaço “escolar” não era o tradicional, também ao “professor” não coube essa característica. O papel deste não era o de “**professor clássico**” mas, essencialmente, o de um “ajudante” que conduzia os seus *alunos* ao sucesso nas actividades para a leitura e escrita. Todos os que desempenharam esta função eram pessoas da vila, “conhecidos”, por assim dizer, que se disponibilizaram para auxiliar na alfabetização de alguns dos(as) micaelenses como eles(as).

Relativamente à **técnica ou método** de ensino adoptado, foi feita uma adaptação do método de Paulo Freire através da utilização das “palavras geradoras”. Este método permitiu estabelecer uma relação entre a alfabetização e as palavras de uso comum ou experiências vividas ou representativas do quotidiano. A título de curiosidade, pode referir-se que a primeira das palavras geradoras adoptada foi a palavra “panela”, pois o curso, quando se iniciou, foi frequentado quase exclusivamente por mulheres.

2.2. O aparecimento do *Positivo* – a pintura e os projectos

Após alguns anos de Curso de Alfabetização de Adultos, em 2000, este evoluiu para Curso de Educação de Adultos, deixando assim de funcionar apenas na base da alfabetização mas colocando ao dispor da comunidade micaelense um maior número de “disciplinas”, permitindo uma maior participação e estando dirigido a todos os que o quisessem frequentar e não apenas aos analfabetos. À Leitura, à Escrita e à Matemática, que já eram então abordadas, juntaram-se a Pintura e os Projectos.

A introdução de novas *disciplinas* como a Pintura e os Projectos surgiu da necessidade de promover aprendizagens positivas, incluindo assim áreas de aprendizagem em que as pessoas não se confrontassem com as suas incapacidades. Estas novas áreas de aprendizagem criaram oportunidades para os adultos evidenciarem as suas competências, estando também incluída a oportunidade de valorização social que também bastante contribui na construção de uma atitude positiva, indo assim de encontro a Berbaum (1992), um dos grandes pilares teóricos que sustentam o modelo de educação comunitária em S. Miguel de Machede.

Projectos como as exposições de trabalhos, a participação na Feira de S. João em Évora, a participação no jornal da vila – *O Menino da Bica* – ou a apanha da espiga na Quinta-feira da Ascensão, foram alguns dos desenvolvidos a partir do momento em que estes se introduziram como nova área de aprendizagem. São projectos que se caracterizam, fundamentalmente, pela sua curta duração, por serem possíveis de concretizar pelas capacidades e circunstâncias existentes, por recorrerem à memória do passado, pelo reconhecimento social que possibilitam, pelo carácter positivo que possuem e incutem, bem como na existência de produção e de um produto final, acabado.

2.3. O alargamento do positivo – a ginástica, as TIC, o Inglês e as Visitas de Estudo

A Ginástica, as TIC, o Inglês e as Visitas de Estudo, estas últimas inseridas no âmbito dos projectos, são áreas de aprendizagem introduzidas em 2006, estando a estas subjacentes três

diferentes conceitos de aprendizagem. Em primeiro lugar, as aprendizagens a construir, em segundo as aprendizagens desterritorializadas que pressupõem "sair para aprender" e, por último, as aprendizagens virtuais, as quais, tal como as segundas, decorrem da utilização das TIC.

No que respeita à Ginástica, esta foi uma área que teve uma grande adesão por parte dos alunos, sendo das mais frequentadas. Aqui são realizados exercícios simples mas que auxiliam no bem-estar físico e quotidiano de todos aqueles que nela participam.

A introdução das TIC, tal como já havia sido referido anteriormente, surge essencialmente de uma grande curiosidade por parte dos *alunos* quanto a esta área de aprendizagem bem como da necessidade de "sair para aprender" - aspecto este mencionado acima. Com as TIC os alunos podem desenvolver, com melhor qualidade, os seus projectos, através das pesquisas realizadas mediante o acesso à *Internet* e dos trabalhos elaborados nesse âmbito. É de destacar um aspecto bastante relevante, o qual denominámos de "tecla da igualdade", ou seja, a utilização desta área de aprendizagem tem uma dimensão de igualdade muito evidente uma vez que, por exemplo, ao elaborar um texto no computador, não há diferenças no que respeita à caligrafia pessoal de cada um (se esta é mais ou menos bonita) ou aos erros ortográficos (visto que é possível a correcção automática dos mesmos), entre outros aspectos positivos da utilização desta tecnologia.

O Inglês é introduzido como complementar ao acesso às TIC, visto que o contacto com esta última suscita a curiosidade pelo Inglês e, como tal, são transmitidas algumas das bases essenciais desta língua estrangeira.

No que respeita às Visitas de Estudo, estas encontram-se inseridas no âmbito dos Projectos e pretende-se que as mesmas sejam organizadas na sua totalidade pelos alunos do Curso de Educação de Adultos. Desta forma, são abordadas quase todas as áreas de aprendizagem desenvolvidas no decorrer da preparação da visita: é escolhido o destino a visitar, é feita uma pesquisa acerca do mesmo, definem-se os locais a visitar, é escolhido o dia, transmite-se à população, estando a mesma convidada a participar, ou seja, é uma aprendizagem que acaba por ser concluída, acabada, na qual os alunos se sentem motivados a aprender, desenvolvendo um projecto para todos e alcançando-se um produto final que corresponde à realização da visita.

3. Os novos alicerces

3.1. Vértices da mudança

No decorrer dos anos, nomeadamente entre 1997 e 2007, as mudanças foram bastante consideráveis, sendo bem visível uma evolução em aspectos variados tais como:

a) a **complexidade das aprendizagens**, partindo-se de uma época em que a alfabetização era o ponto de partida relativamente às aprendizagens a desenvolver, evoluiu-se para a existência de áreas mais complexas, que vão para além da leitura e escrita;

b) o **número de aprendizagens**, aspecto que se encontra ligado à questão do aumento da complexidade das mesmas. As áreas já não se encontram limitadas à Leitura e à Escrita mas estende-se também à Matemática, à Pintura, à realização de Projectos, à Ginástica, ao Inglês ou às TIC;

c) a **atitude positiva** daqueles que frequentam o curso, visível na *curiosidade* demonstrada e na *vontade de aprender*;

d) o **tempo de aprendizagem**, que foi aumentando com a criação de novas áreas de aprendizagem, para além da “vontade de aprender” contribuir para este aumento;

e) a **desterritorialização das aprendizagens**, que aumentaram com a introdução dos projectos na necessidade de “sair para aprender”, evidenciando-se assim a existência de aprendizagens desterritorializadas;

f) a **convivialidade**, um dos principais vértices da mudança, visto que é por este que muitos frequentam o curso, ou seja, pela possibilidade de relação pessoal que é proporcionada pelos bons momentos que se passam com os colegas e com os que os auxiliam no decorrer das aulas;

g) a **participação**, que varia consoante a área de aprendizagem mas que conduz a que a maioria da população participe directa ou indirectamente;

h) a **decisão**, vista como essencial quer no respeito à vontade de participar no curso em geral mas, essencialmente, nos projectos a desenvolver, tendo o aluno a possibilidade de decidir em conjunto com os restantes “o que fazer”, “onde fazer” e “como fazer”;

i) a **saúde** mental, que advém do convívio e de se sentirem úteis ao fazerem algo para a comunidade e a física, para os que frequentam as aulas de ginástica;

j) a **igualdade**, pois todos têm acesso aos mesmos recursos, à evidência das suas próprias competências e ao contacto com novas experiências;

k) a **acessibilidade**, pelo facto de todos poderem aceder às áreas de aprendizagem que pretendem.

Referências Bibliográficas

Berbaum, J. (1992). *Desenvolver a capacidade de aprendizagem*. Lisboa: ESE João de Deus.

Vygotsky (2001). *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.